

A RELAÇÃO ENTRE LETRAMENTO E O SUCESSO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Nathalia Marcela Borges¹

Me. Neusa Rosa Naves (Orientadora)

Resumo

Este artigo teve como justificativa percorrer aspectos do processo de alfabetizar letrando. O objetivo foi aprofundar o conhecimento de alfabetização e letramento contribuindo para uma aprendizagem significativa por meio de estudo e criação de projetos pedagógicos envolvendo letramento e alfabetização. A abordagem metodológica foi bibliográfica e da pedagogia de projeto. Trouxemos como discussão que, o processo de codificação e decodificação decorrente da alfabetização e letramento, tem que ter sentido para a criança. Dessa forma o professor tem que agir como mediador do conhecimento despertando a curiosidade e novas descobertas, sempre aprimorando as habilidades do aluno de modo que o aprendizado não se limite apenas à sala de aula. Os projetos montados foram pensados para serem trabalhados nas escolas em prol de ajudar e estimular as crianças em seu processo de alfabetização reforçando o letramento, estimulando a criatividade dos alunos e abrangendo seus conhecimentos prévios através de situações problemas. Concluímos que é papel do professor buscar métodos que instiguem os alunos a aprenderem, identificando as dificuldades dos educandos e planejando pedagogicamente aulas e atividades que permitam a superação de suas dificuldades. Alfabetizar letrando é fundamental para que o aluno compreenda a relação entre saber ler e escrever e sua influência para vida em sociedade. Alfabetizar letrando permite respeitar os interesses do aluno, seus conhecimentos prévios e seu aspecto como um ser político e social.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Aprendizagem.

Abstract

This article had as justification to go through aspects of the literacy process. The objective was to deepen the knowledge of literacy and literacy contributing to a meaningful learning through study and creation of pedagogical projects involving literacy and literacy. The methodological approach was bibliographical and of the pedagogy of design. We have argued that the process of codification and decoding resulting from literacy and literacy must have meaning for the child. In this way the teacher has to act as mediator of knowledge by arousing curiosity and new discoveries, always improving the student's skills so that learning is not limited to the classroom. Assembled projects were designed to be worked on in schools to help and stimulate children in their literacy process by reinforcing literacy, stimulating students' creativity and embracing their prior knowledge through problem situations. We conclude that it is the teacher's role to seek methods that instigate students to learn, identify the difficulties of the students and pedagogically plan classes and activities that allow them to overcome their difficulties. Literacy literacy is fundamental for the student to understand the relationship between knowing how to

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da FUCAMP/FACIHUS, Monte Carmelo – MG. E-mail: nathymarcela2014@gmail.com

read and write and its influence to life in society. Literate literacy allows respect for the interests of the student, his prior knowledge and his appearance as a political and social being.

Keywords: Literacy. Literature. Learning.

Justificativa

Alfabetizar letreando continua sendo uma tarefa preocupante. É significativo o número de crianças que fracassam nos primeiros contatos com a alfabetização. Conforme os textos estudados há alunos nos anos finais que ainda não sabem ler. Há também aqueles que leem, porém não conseguem compreender o que leu. Pensando nisso há muito que rever sobre os métodos de alfabetização utilizados pelas escolas brasileiras.

Para isso é preciso que esse profissional dedique mais tempo a seu trabalho e sempre estude maneiras eficientes que ajude a reverter o problema. Por essa razão, é imprescindível a formação continuada. Somente através dela seremos capazes de tornarmos bons profissionais. Assim afirma Bomtempo:

Para exercer a profissão, sintonizados com o nosso tempo, precisamos estar dispostos a realizar permanentes investimentos em nossa qualificação: Construir uma disciplina pessoal que nos ajude a crescer como seres humanos; operacionalizar o amor e o respeito mútuo em nosso convívio diário; dispor de tempo para cuidar de a nossa construção profissional contribuir para a mudança e a inovação da escola brasileira, começando pela efetivação de nós próprios e de nosso fazer cotidiano. (BOMTEMPO, 2003, p.11).

Bomtempo (2003) frisa também a importância de acompanharmos a evolução dos tempos, o que é muito significativo porque sabemos que “a criança de hoje não é a mesma de ontem”. Portanto, o corpo docente da escola tem que estar ciente disso para que planejem de forma conveniente com o conhecimento prévio dessa nova geração.

Não podemos esquecer que o contato com a tecnologia, atualmente inicia-se cada vez mais cedo e as informações por sua vez chegam à larga escala a nossas crianças. Dessa forma, não se deve considerá-las uma folha em branco como se pensava na época em que se empregava o tradicionalismo. Precisa-se levar em consideração a cultura, as condições de vida desse pequeno cidadão, enfim, o contexto social. A carga de informações que esse aluno traz de casa nunca deve ser desconsiderada no ato de ensinar. Quando se utiliza o contexto histórico desses alunos, aproximando a escola com a sociedade na qual ele vive, certamente seu sucesso na aprendizagem será maior.

Bomtempo destaca também a importância do profissional ter apreço pela profissão.

Precisamos aprender a nos entusiasmar com o nosso trabalho, com nossa vida, e entusiasmar os nossos colegas, os nossos alunos e seus familiares. O entusiasmo é contagiante, à medida que passa para todas as pessoas que se deixam contaminar, transforma o ambiente tornando-o rico e exuberante, fazendo surgir entre os educandos uma equipe vibrante, dinâmica, o que facilita a aprendizagem e o crescimento de todos os alunos e professores. (BOMTEMPO, 2003, p. 13).

Essa afirmação de Bomtempo (2003) nos leva a refletir enquanto profissionais se estamos no caminho certo ou não. Um profissional feliz com seu trabalho é com certeza um profissional dedicado ao que faz.

Necessita-se ruminar os procedimentos metodológicos para se pactuar ao parecer de aprendizagem como processo de edificação de significados e conhecimentos, estimulando as experiências vivenciadas pelo aluno. Assim com: rótulos, placas, embalagens, dentre outras fontes. Partindo dessa forma de onde ele se situa, do que já tem gravado, fazendo com que sua passagem pela escola faça sentido e o auxilie como um ser humano, mais realizado, responsável, capaz de vencer as dificuldades no processo de ensino aprendizagem em alfabetizar-se.

Por essa razão, há importância de pesquisar mais para aprender sobre o tema escolhido e ter “fome de conhecimento” buscar sempre novidades para adentrar nesse assunto.

Objetivo geral

Aprofundar o conhecimento de alfabetização e letramento contribuindo para uma aprendizagem significativa por meio de estudo e criação de projetos pedagógicos envolvendo letramento e alfabetização.

Discussão bibliográfica

A alfabetização é a fase mais importante da vida de uma criança, pois é nela que o educando estará descobrindo o mundo a seu redor e seu sentido. O papel do professor nesse processo não é simples, pois ou ele constrói ou destrói sonhos.

Segundo Abud:

No sentido amplo, entende-se a alfabetização como um fator de mudança de comportamento sobre o universo, que possibilita ao homem integrar-se à sociedade de forma crítica e dinâmica; constitui uma das formas de promover o homem, tanto do ponto de vista social como individual. (ABUD, 1987, p. 5).

Ou seja, é impossível sobreviver atualmente sem saber ler e escrever. Precisamos da leitura e da escrita desde atividades comuns como ir a um supermercado até atividades mais perplexas como manter uma conta ativa em alguma agência bancária ou até mesmo no ato de comprar algo que exija contratos. Uma pessoa que não é alfabetizada é parcialmente excluída de sociedade, pois em alguns momentos até para nos comunicarmos utilizamos desta.

Por essa razão, no ato de alfabetizar é imprescindível que o professor utilize textos nos quais façam sentido para a criança, pois se ele utiliza textos como os vindos em cartilhas, pelos quais são textos sem sentidos pelos em que se montam frases com a junção de sílabas nas quais as crianças decoraram, confundirá suas cabeças, pois não se fala dessa forma e nem será possível esse tipo de texto em outro lugar que não seja as cartilhas. Assim afirma Cagliari:

A maneira como as cartilhas lidam com a fala e a escrita confunde as crianças, uma vez que passa a ideia de que a linguagem é uma “soma de tijolinhos”, representados pelas sílabas e unidades geradoras. Ora, as crianças aprendem a falar de outra maneira e, portanto, para elas a linguagem apresenta-se como um todo organizado de maneira muito diversa daquela que a escola lhes mostra. No fundo, as cartilhas deixam de lado toda a trama da linguagem, ficando apenas com o que há de mais superficial. Isso faz com que os alunos passem a fazer apenas um uso superficial da fala e da escrita nas suas atividades escolares futuras. (CAGLIARI, 1998, p.82).

Quando a criança aprende a decorar as junções silábicas do bá; bé; bi, bó; bu, ela tende a ficar sempre procurando essas junções de letras ao ler uma frase, e isso tende a acarretar na leitura soletrada e na falta de compreensão da leitura. Como cita Carvalho:

A artificialidade dos textos costuma ser o ponto fraco das cartilhas, justamente por serem construídas com a finalidade de reunir palavras em que aparece determinada relação letra/som. Daí para a criação de textos sem pé nem cabeça é um pulo. (CARVALHO, 2002, p. 38).

O processo de codificação e decodificação tem que ter sentido para a criança, dessa forma o professor tem que agir como mediador do conhecimento despertando a curiosidade em seu aluno em querer sempre descobrir coisas novas, estar sempre aprimorando seu conhecimento de modo que o aprendizado não se limite apenas à sala de aula. Emília Ferreira afirma que:

Através dos dados colhidos com populações infantis de diferentes meios sociais pode-se estabelecer uma progressão regular nos problemas que elas enfrentam e nas soluções que as crianças ensaiam para descobrir a natureza da escrita. A ordem de progressão de condutas não impõe efetivamente um ritmo determinado na evolução. Aqui, como em outros campos do desenvolvimento cognitivo, encontramos grandes diferenças individuais: algumas crianças

chegam a descobrir os princípios fundamentais do sistema antes de iniciarem a escola, ao passo que outras estão longe de conseguir fazê-lo. (FERREIRO, 2001, p. 44-45).

No ato de alfabetizar o professor tem que ter noção do nível em que a criança se encontra, pois esse processo é imprescindível para o sucesso do aluno no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Esses estágios são os chamados: pré-silábico, silábico com e sem valor sonoro, silábico alfabético e alfabético.

No nível chamado pré-silábico, a criança se expressa através de rabiscos às chamadas garatujas, esse é o início de todo o seu processo, mas não se faz sem importância, pois, nesse momento a criança expressa sua espontaneidade e descobre os movimentos para a escrita. Ao evoluir sua concepção de escrita sabendo desenhar as letras, porém ela não tem muita noção da quantidade de letra que deve colocar para a palavra e acaba colocando maior quantidade de letra para o objeto que for maior. Por exemplo: se pedirmos a uma criança nesse estágio que escreva as palavras pássaro e cão, ela certamente colocará a maior quantidade de letras para a palavra cão pelo fato do cão ser maior que o pássaro.

Ao evoluir para o nível chamado silábico já começa a se ter uma noção maior das letras e esta criança passa a escrever as palavras com uma letra para cada sílaba sendo que pode ou não ter um valor sonoro, isso dependerá de sua maturidade com as letras.

No nível chamado silábico alfabético, essa criança tem uma noção ainda maior da escrita, ela consegue perceber que na escrita de uma palavra há junções de sílabas, e isso faz com que essa criança coloque ora letra ora sílaba em sua escrita.

No último nível, o chamado alfabético a criança já é capaz de escrever a palavra completa, porém pode haver alguns erros de ortografia, pois a criança escreve do jeito que fala.

Mas o importante é que o professor respeite esses estágios na evolução da escrita, pois com a escrita espontânea o indivíduo aprenderá muito mais do que repetindo escritas prontas apenas desenhando as letras. Assim afirma Emília Ferreiro:

Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia [imediate ou posterior]. Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos favorecendo um valiosíssimo documento que necessita ser avaliado. (FERREIRO, 2001, p. 16-17).

A proximidade entre professor - aluno é também um fator imprescindível no ato de alfabetizar, pois quando há afetividade entre educador e educando, é possível saber as condições

de vida deste educando, como é sua convivência com seus familiares, se estes familiares gostam ou não de ler, o grau de escolaridade deles. Tudo isso contribui para o processo de alfabetização do aluno e ajuda o professor, a saber, qual a melhor forma de trabalhar.

Outro fator que deve ser considerado também; é a questão da cultura, pois dentro de uma sala de aula podemos encontrar inúmeras diversidades culturais, e estas devem ser consideradas, pois ajudará a acolher o aluno e poderá ser trabalhada com os outros alunos a fim de conhecerem costumes, linguagens, crenças diferentes.

Assim afirma Bomtempo:

Ler é abrir-se para outras culturas. Identidade cultural não significa prisão ao espaço geográfico; é a abertura ao que é automaticamente nosso e ao que, vindo de fora, pode nos fazer nós mesmos. A cultura universal é produto de todos os povos. O aluno só poderá contribuir com essa universalidade se, primeiro, construir-se como indivíduo consciente de sua própria expressão cultural. É necessário, portanto, propiciar nas salas de aula e na biblioteca, a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir da nossa gente, suas crenças, expectativas e esperanças. (BOMTEMPO, 2003, p.19).

Dessa forma o professor poderá trabalhar textos diversos sem desconsiderar a forma de falar e agir de seus alunos. Pois sua linguagem, ou seja, como ele fala, diz muito sobre de onde veio. E ao trabalhar utilizando o que a criança traz consigo, com certeza despertará maior interesse do aluno pela aprendizagem.

O professor deve apresentar atividades que se assemelhem a rotinas diárias, por exemplo, Trabalhar atividades com o nome dos alunos, dessa forma além de trabalhar a socialização entre os alunos vai-se introduzindo a leitura e escrita.

Como afirma Carvalho,

Trabalhe frequentemente com o nome dos alunos, por duas razões: toda pessoa, adultos ou criança, atribui importância especial ao próprio nome e se interessa por aprendê-lo; aqueles que já sabem “desenhar” a assinatura descobrem coisas novas observando a escrita dos nomes dos colegas. (CARVALHO, 2002, p. 18).

Outra atividade interessante é levar para a sala de aula embalagens de produtos conhecidos como: Coca cola, o achocolatado Tody, Danoninho, dentre outros que costumam ser bem conhecidos. Mesmo sem esse aluno saber ler, ele dirá o nome da marca do produto, pois esse faz parte de seu cotidiano. A partir dessa leitura global o professor estará desenvolvendo a leitura e a escrita simultaneamente, e isso é essencial no processo de

alfabetização, pois a criança vai aprendendo a ler e a escrever em conjunto, pois a leitura e a escrita são indissociáveis.

Outro aspecto indispensável para o sucesso de um aluno no processo de alfabetização é a didática e a maturidade do professor em saber avaliar seu aluno na correção das atividades. Assim, afirma Weisz:

Quando um professor pensa que o ensino e aprendizagem são faces de um mesmo processo, faz sentido acreditar que, ao final dele, só existem duas alternativas: o aluno aprendeu ou não aprendeu. Diferentemente disso, se ele vê a aprendizagem como uma reconstrução que o aprendiz tem de fazer dos seus esquemas interpretativos e percebe que esse processo é um pouco mais complexo do que simples “aprendeu ou não aprendeu”, algumas questões precisam ser consideradas. Uma delas é a necessidade de ter claro o que o aluno já sabe no momento em que é apresentado um conteúdo novo, já que o conhecimento a ser construído por ele é, na verdade uma reconstrução que se apoia no conhecimento prévio que dispõe. O conhecimento prévio é o conjunto de tentação para essa nova aprendizagem, ainda que não tenham, necessariamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar. (WEISZ, 2009, p. 93).

Ou seja, se deve sim corrigir os erros dos alunos, porém não deve fazer correções de forma que constranja esse aluno como comparando o dele com o do colega nem apagando o que ele fez e colocando a forma correta. Por exemplo, se foi dado um ditado, o professor deve avaliar esse erro de uma forma construtiva de modo que todos possam participar dessa correção e aprenderem juntos. Dessa forma o aluno que errou perceberá seu erro e deverá escrever da forma correta sem apagar o que está errado. Feito isso certamente ele conseguirá policiar-se da próxima vez em que for escrever novamente.

Outro aspecto que deve ser revisto nas salas de aula é o fato de as avaliações serem dadas em forma de nota, ou seja, se o aluno acerta ele ganha nota, se erra perde nota por isso, e isso não deveria acontecer já que o aluno na maioria das vezes sabe muito mais do que aquilo em que foi avaliado. O conhecimento prévio do aluno deve ser sempre levado em consideração. Pois este tem muito conhecimento, porém diferente daquele que é transmitido pelo professor em sala de aula. Dessa forma, afirma Weisz:

Ninguém conseguirá aprender alguma coisa se não tiver como reconhecer aquilo como algo apreensível. O conhecimento não é gerado do nada, é uma permanente transformação a partir do conhecimento que já existe. (WEISZ, 2009, p. 61).

Isto é, a partir da afirmação de Weisz (2009), percebemos que o conhecimento não se limita a sala de aula, o professor tem o papel de mediador do conhecimento e deve considerar

o conhecimento que seu aluno traz consigo, e ao avaliar, o educador tem que ter a maturidade de perceber esse conhecimento adquirido pelo aluno. Caso a resposta desse aluno não seja tal qual o professor tenha idealizado isso não quer dizer que esteja errada, ele pode ter utilizado um método diferente e o papel do professor será analisar como ele chegou a tal resposta e não ir tirando nota desse aluno como acontece eventualmente.

Deste modo, é perceptível que alfabetizar letrando é a melhor forma de ensinar o aluno em seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita, respeitando assim seu tempo, e valorizando seu conhecimento de mundo. Pois ao ensinar utilizando o contexto social, fará com que este aluno compreenda o motivo pelo qual está estudando, e automaticamente lhe despertará o prazer e a vontade de aprender mais, conhecer mais, e isso o levará ao alcance do sucesso no qual contribuirá no decorrer de sua vida escolar e social.

Metodologia

As metodologias abordadas nesse artigo são bibliográficas e da pedagogia de projeto. Sendo que para a metodologia bibliográfica, foram realizadas pesquisas nas quais foram separados referenciais bibliográficos utilizando livros que nortegassem à justificativa e discussão bibliográfica.

Para a metodologia de projetos serão abordadas sugestões a serem trabalhadas nas escolas em prol de ajudar e estimular as crianças em seu processo de alfabetização reforçando o letramento, estimulando a criatividade dos alunos e abrangendo seus conhecimentos prévios através de situações problemas.

Assim, afirma Pereira:

Trabalhar com projetos não se trata apenas de uma técnica atraente para transmitir aos alunos o conteúdo das matérias, significa de fato uma mudança de postura, uma forma de repensar a prática pedagógica e as teorias que lhe dão sustentação (...) . O estudante aprende participando, vivenciando sentimentos, formulando problemas tomando atitudes diante dos fatos, investigando, construindo novos conceitos e informações, escolhendo procedimentos quando se vê diante da necessidade de resolver questões. (PEREIRA, 2018, p.83-84).

Dessa forma é perceptível que o professor tem o papel de mediador e precisa sempre estar atento as atividades a serem trabalhadas no projeto, para que haja sentido ao aprendizado do aluno e não saia da proposta de projeto e acabe se tornando simples atividade extraclasse.

Projeto I

Título: Aprendendo ler e escrever resgatando Cantigas de Roda.

Ano: Primeiro Ano do Ensino Fundamental.

Disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, História, Arte e Educação Física.

Material: Vídeo em Datashow, pátio da escola, música, cartaz, papel, caderno, lápis de escrever, borracha, lápis de cor, som, música em pendrive, quadra da escola.

Introdução

O presente projeto tem como justificativa corroborar para que os alunos conheçam e resgatem brincadeiras e músicas de roda que muitas vezes se encontram esquecidas por nossa juventude, resgatando também a história e a cultura, considerando as perspectivas de Piaget, Vygotsky e Wallon, quanto ao psicomotor, afetivo, social, psicológico e cognitivo, no que contribuirá no processo de alfabetização uma vez que a música quanto a seu ritmo e contexto histórico, cultural e social contribui para a memorização da criança e no processo de Alfabetização e Letramento e também os ajudando a constituir noção de espaço e lateralidade. Obedecendo assim os princípios éticos políticos e estéticos. Acatando também a (LDB 9394/96) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que decreta: “Liberdade de aprender, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”.

Objetivo geral

Trabalhar com cantigas de roda como objeto de leitura e escrita para o processo de letramento e alfabetização.

Desenvolvimento

A professora irá sondar seus alunos com uma pergunta inicial: ”Alguém conhece ou já brincou de ciranda ou música de roda?”. Após as respostas dos alunos, a professora Deverá contar aos alunos que foram os portugueses que trouxeram as cantigas de roda para o Brasil e que suas músicas eram utilizadas como manifestações culturais, que suas músicas são bem

fáceis de decorar. Logo após ela irá passar um vídeo mostrando crianças brincando de roda com a música “Escravos de Jó” e contará a origem da música.

Escravos de Jó
Jogavam caxangá

Tira, põe
Deixa ficar.

Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá

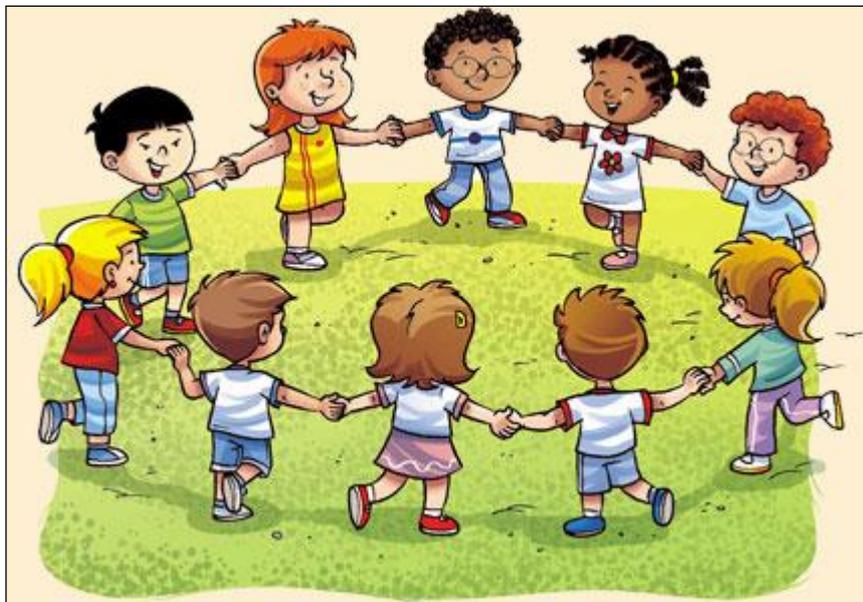


Imagem ilustrativa. Disponível em: < <https://vamosbrincarderoada.wordpress.com/2016/03/30/vamos-conhecer-um-pouco-sobre-as-cantigas-de-roda/>> Acesso em: 09 mar. 2019

Etapas

1. Levar os alunos ao pátio da escola para brincarem de roda com a música “Escravos de Jó”.
2. Apresentar a letra da música a seus alunos em um cartaz.
3. Fazer leitura coletiva da música com todos os alunos apontando o dedo.
4. Propor que as meninas e os meninos leiam separadamente em voz alta.

5. Entregar uma cópia do texto a cada aluno e pedir para que circulem palavras que tenham no início a letra inicial do prenome.
6. Será realizada uma interpretação oral do texto.
7. Cantar a música em voz alta passando o dedo nas frases.
8. Cada aluno irá ler sua música individualmente.
9. Os alunos deverão copiar o texto em seu caderno e ilustrá-lo.
10. Pesquisar outras cantigas de roda e levar para a próxima aula.
11. Apresentar a cantiga pesquisada. Poderão cantar se quiserem.
12. A partir das cantigas que conheceram, os alunos criarão uma cantiga de roda.
13. Será organizada pela professora juntamente com seus alunos na quadra da escola, uma apresentação das brincadeiras de roda conhecidas e da que inventaram, na qual será aberta a participação de outros alunos.

Avaliação

Os alunos serão avaliados quanto a seu desempenho, interação e participação durante as atividades.

Cronograma

O projeto foi pensado para ser desenvolvido em duas semanas letivas.

Referências

BRASIL. LDB. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>
Acesso em: 18 fev. 2019.

MÚSICA ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/temas-infantis/782539/>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

Projeto II

Título: **Contando e recontando histórias.**

Ano: Primeiro ano do Ensino Fundamental

Disciplinas: Língua Portuguesa e Arte.

Material: Lousa, pincel atômico, vídeo em Datashow, cartaz, jogo da memória, plaquinha com imagem dos personagens da história, papel, caderno, lápis de escrever, borracha, lápis de cor, quadra da escola.

Introdução

O presente projeto tem como justificativa trabalhar a leitura e a escrita dos alunos usando como objeto de estudo histórias infantis, trabalhando o processo de alfabetização e letramento de forma lúdica, com o propósito de tornar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita deleite aos alunos, dispersando suas criatividade e espontaneidade quanto à criação de texto e habilidades artísticas. Frisando a (LDB 9394/96) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que decreta: “Liberdade de aprender, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”.

Objetivo geral

Trabalhar a leitura e a escrita utilizando história infantil, aplicando o lúdico a fim de tornar o processo de alfabetização aprazível com o propósito de exibir suas habilidades artísticas.

Desenvolvimento

A professora irá sondar seus alunos com um questionamento inicial: “Alguém aqui já ouviu e gosta de alguma historinha? Qual? Qual seu personagem favorito? Quem lhe contou essa história?”. Enquanto os alunos respondem a professora deve anotar todas as respostas. Como motivação, será passado um vídeo com a história “Assim Assado de Eva Furnari”.

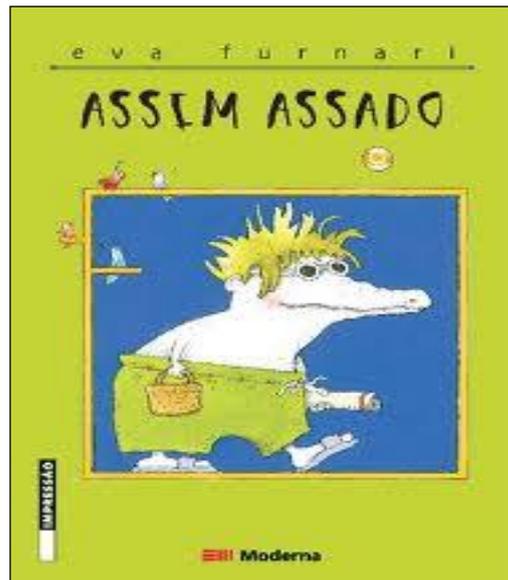


Imagem ilustrativa. Capa do livro. Acervo da aluna pesquisadora.

Após assistirem o vídeo, a professora irá apresentar o livro da história assistida aos alunos, e eles deverão apontar o que mais lhes chamou a atenção na história.

Etapas:

1. Apresentar cartaz com a história e fazer leitura coletiva com os alunos apontando o dedo.
2. Leitura meninos x meninas.
3. Entregar uma cópia do texto a cada aluno e pedir que circulem palavras que tenham no início a inicial do prenome.
4. Será realizada uma interpretação oral do texto.
5. Ler a história em voz alta passando o dedo nas frases.
6. Cada aluno irá ler sua história individualmente.
7. Os alunos deverão copiar o texto em seu caderno e ilustrá-lo.
8. Montar jogo da memória a partir das figuras que apresentam rimas na história.
9. Jogar anotando as palavras na lousa e circulando os sons finais das frases.
10. Copiar as palavras em seu caderno.
11. Fazer ditado mostrando figuras dos personagens da história.
12. Fazer correção coletiva do ditado.
13. Os alunos darão continuidade à história usando suas criatividade.

14. Os alunos apresentarão a história original e a que deram continuidade, atuando em uma pequena peça teatral organizada pela professora e alunos na quadra da escola, na qual será aberta ao público.

Avaliação

Os alunos serão avaliados quanto ao desenvolvimento, participação e interação durante as atividades, a professora pedirá para que cada aluno ilustre o que mais lhe chamou atenção durante o projeto e questionará oralmente entre eles o que o projeto contribuiu para seu crescimento e aprendizado.

Cronograma

O projeto foi pensado para ser desenvolvido em três semanas letivas.

Referências

BRASIL. LDB. Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>
Acesso em: 18 fev. 2019.

FURNARI, Eva. **Assim Assado**. 2º edição. São Paulo: Moderna, 2009.

Considerações finais

Ao longo dos anos, assistindo as aulas do curso de Pedagogia, nos foi possível perceber a importância de uma alfabetização de qualidade e o quanto isso influencia na vida social do aluno, por essa razão decidimos expor esse tema em forma de artigo a fim de aprofundarmos mais no assunto.

A partir das abordagens metodológicas desta pesquisa, que foram bibliográficas e de projeto, se fez possível concluir o nosso objetivo de aprofundar o conhecimento de alfabetização e letramento contribuindo para uma aprendizagem significativa por meio de estudo e criação de projetos pedagógicos envolvendo letramento e alfabetização foi atingido.

Foi-nos possível através dos estudos abordados para a construção deste artigo, perceber a importância de se alfabetizar letrando, para que o aluno compreenda a relação entre saber ler e escrever e sua influência para vida em sociedade. Alfabetizar letrando permite respeitar os interesses do aluno, seus conhecimentos prévios e seu aspecto como um ser político e social.

Alfabetizar não é somente ensinar o aluno a codificar e decodificar frases, mas sim codificar e decodificar de forma que faça sentido à aprendizagem, de modo que encontre valor

naquilo em que estão lendo. Essa é a importância de levar textos significativos para a sala de aula, com planejamento pedagógico e, assim, possibilitando aulas prazerosas que atendam às necessidades do aluno, englobando seu contexto social e cultural, e possibilitando a ele conhecer e criar novas habilidades, competência e conhecimentos duradouros. Aspectos esses atingidos por meio de uma alfabetização criativa, construtiva e que forme cidadãos críticos e atuantes.

Referências

ABUD, Maria José Milharezi. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. São Paulo: EPU, 1987.

BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com sucesso**. Contagem: Oficina Editorial, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998. Pensamento e Ação no magistério.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001. – Coleção Questões da Nossa Época; v. 14.

PEREIRA, Olga Arantes. **Pedagogia de Projetos**. Disponível em:
<<http://www.fatea.br/seer/index.php/janus/article/viewFile/4/3>> Acesso em: 17 out. 2018.

PIZZANI, Luciana. **A arte de pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf., Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em:
<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/522/pdf_28> Acesso em: 17 out. 2018.

WEIZ, Telma; SANCHEZ, Ana. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.